

A Nova Convergência

MD Magno

Transcrição da seção 12 do *SóPapo 2014*, realizado em 05 julho, na UniverCidadeDeDeus.

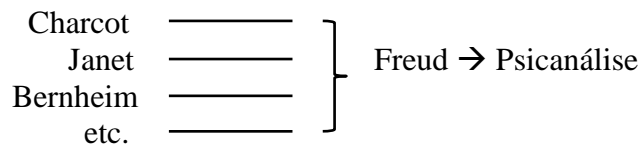
19

Quando falo em *SóPapos* não é de araque. Não faço mais aquela coisa extensiva (discursiva) que fazia nos Falatórios. Estou tomando uma porção de temas e colocando, mesmo que carentes de desenvolvimento. Quem tiver curiosidade, desenvolva. Não posso fazer isto, pois são muitos os temas a serem colocados e quero, pelo menos, apontá-los.

Coloco hoje algumas indicações. A primeira diz respeito à sugestão de leitura que fiz do livro *História da Descoberta do Inconsciente*, de Henri F. Ellenberger, que é muito bom para compreendermos certas coisas que não ficam claras na história da descoberta do Inconsciente. Os primeiros capítulos apresentam algo de que não se costuma falar nas universidades. Eu até já conhecia porque, como sabem, na década de 1950, estudei – e mesmo pratiquei – tudo relativo a como lidar com a questão do Inconsciente conforme tomada pelos hipnotistas. Isso vai bater em gente como Charcot, Bernheim, Janet e outros, que Freud não apenas estudou, mas chegou

a conhecer. Atribuímos tudo a certo momento, mas, quando Freud toma isso, já estava em desenvolvimento. Ele apenas reconstituiu, arrumou de outro modo e introduziu o que chamou de psicanálise com outro método. Isso é verdade, mas vou piorar um pouco mais a situação.

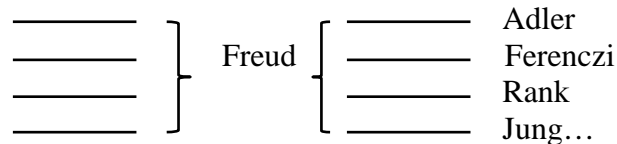
Quero lhes dizer – e estudem para verificar se é isto mesmo – que toda essa gente que precedeu Freud é muito importante, e é muita gente, mesmo que os luminares sejam quatro ou cinco. De meu ponto de vista, considerando a história antes e depois de Freud, temos todos aqueles nomes que, mesmo em paralelo, com posições diferentes, às vezes até em diatribes locais, estavam desenvolvendo essa questão, sobretudo quanto ao que diz respeito à hipnose e à histeria. Como lidar com elas? Como lidar com a dupla ou múltipla personalidade? Como lidar com a histeria, que veio a ganhar foros de assunto principal? Freud, como disse, já encontrou tudo isso em movimento, tentou arrumar de outra maneira, com uma cabeça, digamos, científica. Ellenberger chega a nomeá-lo de positivista, o que não está longe da verdade, pois a vontade de positividade lá estava. Freud pode não ser o rei da cocada preta, mas lhe aconteceu – não estou atribuindo isto personalisticamente ao Dr. Freud –, caiu sobre ele em determinado momento e houve outro acontecimento. Qual? Em suas mãos, com o trabalho que desenvolveu, tudo isso confluía para o mesmo ponto, foi parar dentro da psicanálise. Vejam, então, um bom modo de colocar a história de nossa transa:



Se recordarmos os passos de toda essa gente, esta confluência me parece clara. Além de confluir para esse ponto, ficou a fama de Freud. Isto porque, naquele lugar, essas formações – às vezes, em conflito – se resolveram numa teoria bastante adequada para subsumir as outras. Para Freud convergiu todo o saber, a pesquisa, o estudo, a operação clínica da época. Ele vai recriando, reagrupando, trazendo outros conceitos, e isso vira a chamada psicanálise. Tem erros? Sim. Há vários deslizes em sua obra, que são bastante aceitáveis, dadas as condições de sua produção e de seu momento histórico. A Viena de seu tempo é borbulhante, talvez o ponto mais importante da Europa. Ele tomou essa borbulha, meteu tudo num saco só e inventou sua teoria. O que acontece a partir daí? Parece que a referência, sobretudo em estudos acadêmicos, passou a ser unicamente Freud. Parece que ele teria inventado o Inconsciente, mas o Inconsciente nem precisava das pessoas que nomeei acima, pois já estava na filosofia, na obra de Schopenhauer, de Nietzsche – e é lá que ele também foi beber.

O que importa é o acontecimento, e não a pessoa. O acontecimento confluiu e se estatuiu naquele ponto. Imediatamente, dado o narcisismo de nós todos, Freud funda seu grupo, depois, sua sociedade, e para lá conflui um monte de gente que faz parte da história da psicanálise. Cada um, a partir daí, ao contrário da confluência, achou um recanto para desenvolver, até para querer dar a

impressão de estar inventando algo para além de Freud, e, às vezes, em oposição, em divergência teórica, etc. A partir, então, da primeira confluência, acontece o contrário, e podemos colocar na lista os nomes de todos já conhecidos: Adler, Rank, Ferencsi... A partir de Freud, até no esquecimento disso tudo, houve uma “divergência”. Pessoalmente, ao olhar o panorama por inteiro e comparar os acontecimentos teóricos, não considero que tenha havido divergência alguma. Foi narcisismo demais das pessoas achar que faziam algo em contraposição ao pensamento de Freud. Todas são afluentes ou defluentes do ponto de convergência em que Freud está situado. Isto, mesmo quando parecem estar em contraposição, mesmo quando Freud fica puto e os coloca para fora de sua sociedade. Para mim, portanto, não é verdade que não venham dali:



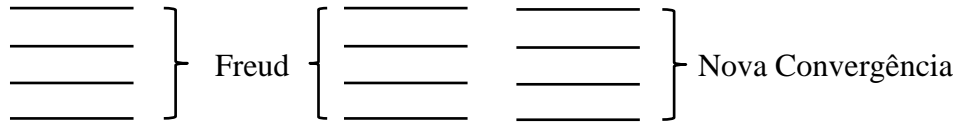
Tomemos Jung, por exemplo, com o qual ele ficou mais chateado, pois apostava que ele pudesse ser a salvação da psicanálise por ter um lugar na Suíça. Mas Jung era *goy*, não entrou direito na dele, e, aparentemente, foi fazer outra coisa. Digo que não é outra coisa, como não é de nenhum outro. No momento, na exigência de rigor, por parte de Freud, quanto a seu aparelho teórico, dá a impressão de grande divergência. Se observarmos o que Jung – e os outros também – fazia, teremos essa aparência porque ele trabalhou sobre os *efeitos* simbólicos do Inconsciente. Inventar a ideia de *arquétipo* e chamar de

inconsciente coletivo – o que é besteira: Inconsciente é Inconsciente (não é de ninguém: cada um esbarra nele como quiser) – dependem de ele ter trabalhado na base das decantações culturais das produções do Inconsciente. Eu também encontro arquétipos, pois é a coisa mais fácil de encontrar num planeta que tem sol, mar, etc. São configurações das quais não temos como fugir e que terão as configurações que quisermos. Também encontro *tipos psicológicos*, pois, assim como tipos biológicos, são da ordem da constituição sintomática daqueles que têm tal Primário e tal produção secundária: as pessoas são desenhadas demais. Ele implicou com a ideia de Inconsciente para descobrir que o Inconsciente como usina de produção de imagens, de símbolos, etc., acaba produzindo um leque enorme. Ora, se formos descrever o leque das formações possíveis, escreveremos a obra toda que ele escreveu. Aliás, ficou devendo, pois há muito mais ainda.

Um analisando fala o quê senão o besteiro de sua história? Iria falar o quê? Mas não há que trabalhar imaginando consequências dessa configuração toda como ele, analisando, ficou imaginando. Quando Jung descobre que os psicóticos repetem certas fórmulas, isto é o óbvio, pois é o que há na ordem do macro e das figurações. Portanto, não adianta querer tirá-lo dessa confluência. É uma pseudo-divergência, uma imaginarização, praticamente literária, das produções do Inconsciente. Freud ficou chateado com razão, pois queria o contrário: isso aqui não é verdade, ele descia para a psicologia, em vez de subir para a merda. Não é que não se podia fazer aquilo, mas era barato demais para o que Freud estava trazendo.

Como Jung fez, é uma psicologia. Como ele chamou, aliás: psicologia analítica. Temos outro que está dentro, mesmo sendo menor, Ferenczi, que discordou do distanciamento de Freud em relação aos analisandos e quis intervir com sua ordem afetiva. Vejam também Reich, que tomou o marxismo e, como o paradigma da psicanálise é necessariamente sexual, lá foi ele para a sexualidade, inventou o orgônio... Ele era muito jovem quando trabalhou com Freud. Deu na besteira que deu, mas é, sim, descendente. Tomemos outro, Rank, com o traumatismo do nascimento. Adler, com seu complexo de inferioridade. Ellenberger mostra bem a história pessoal de cada um ao dizer que Édipo é Freud, e Adler é o complexo de inferioridade. Não acho isto, pois essa história pessoal se generaliza como esquema, e não como historinha edipiana. Ou seja, esse pessoal tomou um cantinho que Freud deixou mais ou menos travado na teoria e partiu dali para dizer o que disse.

No esquema que pensei, veio tudo isso, convergiu realmente de modo eventual para Freud. Como disse, não se trata da pessoa de Freud, e sim de um evento – o evento Freud – dentro da história do Inconsciente. Montou-se, então, um aparelho teórico e prático do qual descendências evidentes começam a “divergir”. O que acontece agora? O que está acontecendo comigo nessa produção? Que acho que terá que acontecer em algum lugar? A própria NovaMente está se encaminhando para isso. Para o quê? Para a **Nova Convergência**. As convergências estão acontecendo, mesmo que não saibamos onde está seu ponto:



Não creio que meu trabalho possa chegar a constituí-lo porque, dessa nova constituição, fará parte uma teoria capaz de abstrair tudo num esquema que funcione mais como esquema do que como conteúdo (e isto é o que tenho tentado produzir todos esses anos), mas também incluirá toda a teoria neurológica contemporânea. Não tenho competência para realizar esta segunda parte. A convergência, portanto, se dará mais ou menos como NovaMente atravessada pela neurociência. É ainda muito cedo para esse ponto acontecer, pois a neurociência está muito atrasada. Qualquer neurocientista honesto, como Ramachandran, confessa não saber quase nada. Aliás, é cada vez mais preciso de gente como ele, sem vício europeu ou americano. Ser brasileiro ou indiano, hoje, é melhor para um pensamento sem os fechamentos já produzidos. Jung, aliás, também andou pela área indiana, mas de maneira imediatista. Esse pessoal provará, e agora com certeza, que *o estatuto da psicanálise é místico*. Como sabem, *místico* quer dizer um esquema de funcionamento mental de distanciamento e indiferenciação. O campo deles é atrasado, ao passo que o nosso é adiantado por experiência analítica, a qual, misturada com delírio, permite chegar antes. A prova que temos só pode ser funcional, a deles tem que ser material. O que nos interessa é que essa confluência chegue – e direi algo indecente – numa Teoria-M, como os físicos chamam. Isto incluirá as ciências chamadas duras através da

física quântica. A física macro é sintomática demais deste universo e precisa ser ampliada para o lado de uma física micro que possa pensar universos diferentes, em que as leis não funcionam como as daqui. Espero, então, que haja possibilidade de uma teoria genérica que inclua a psicanálise: a teoria da mente compatível com a materialidade. Ou seja, imanência radical.

Notem que isto não é uma ontologia, tirem Platão daí. Se quiserem, é uma *Haverologia*, que é diferente de *ser*, de *ontós*. Por isso, preferi chamar de *Pleroma*, mesmo porque a inspiração é gnóstica – como será a de todos os pensadores a partir da Nova Convergência de que estou falando. Atenção!, pois tudo que coloco tem uma história pregressa da pior qualidade. Mas, na operação ignorante dessas épocas, está embutida a *postura*, que é o que interessa. Interessa-nos uma postura mística, gnóstica, e não a história dos misticismos ou da gnose, que é péssima. Temos lá pessoas que, diante do ortodoxo, descobriram uma posição herética que deixou uma possibilidade de saída e de invenção teórica – e mesmo clínica –, mas que foi configurada de maneira religiosa por não saberem sair do discurso religioso. A posição gnóstica é a que vencerá no Quarto Império. O que nela importa é a postura herética, anti-ortodoxa, no sentido de conhecimento (que pode não ser pleno, mas é) de outra saída. Um gnóstico jamais conversaria com Platão, jamais acolheria a besteira socrática. Dizer “só sei que nada sei” é uma asneira. Sabemos muita coisa – como qualquer cachorro, aliás. A única saída é pela *projeção* do conhecimento. O conhecimento é projetivo, é projeto.

Não é técnico, não é o conhecimento, e sim o projeto de, cada vez mais, desvendar o Haver como uma *posição* (não absolutamente, mas) *radicalmente* imanente. Falar em *absoluto* é falar de algo terminal, impossível de ser ultrapassado e superado. Quando digo *Impossível Absoluto*, este é absoluto: em algum lugar, “há” o Impossível Absoluto que é o não-Haver. Não é atingível de maneira alguma, é limitativo, e acabou-se! Isto, pelo menos, na teoria que lhes apresento. O resto nada tem de absoluto. Repito também que há um **Conhecimento Absoluto** porque é apenas semente de projeto de conhecimento. Ele está lá, está em todo o Haver: a gente sabe isso definitivamente. Quando vamos falar dele, aí não sabemos.

• P – *Isto tem a ver com o conhecimento paranoico, de Lacan?*

Falar em conhecimento projetivo tem a ver com *conhecimento*, que pode ser paranoico ou metanoico. A paranoia de Lacan é outra história.

Então, quando falo em posição *radicalmente* imanente, trata-se de *raiz*, de semente, de caroço, daquilo que alimenta o processo. Observem que tampouco se trata de *origem*. A árvore tem raiz, mas não é origem de outra coisa, é apenas o projeto dela. O que trago é, portanto, mais radical, nuclear, do que as imanências já prometidas pela própria filosofia, mesmo por Espinosa. Estou dizendo que metafísica não interessa porque tudo é físico, e não preciso me diferenciar demais de Espinosa. Há, nele, uma vontade de ciência – ou seja, Espinosa é gnóstico, é da nossa turma. Descartes, não. Este não sabia o que estava fazendo. É difícil de entender isto, pois pensamos

que ele era cartesiano. O que pensamos ser cartesiano em Descartes não é dele. Aliás, não sei por que foi parar nas mãos dele. O que chamamos de cartesiano é o fato de o pessoal tomar o que é de Pierre de Fermat e atribuir a Descartes. A articulação dita cartesiana da teoria da matemática projetiva é de Fermat.

- P – *O mesmo ocorreu com Galileu e Newton.*

Newton é o tipo do gênio burro. O movimento galiléico é gnóstico, mas Newton o transforma em igreja católica apostólica inglesa. Leibniz era mais desconfiado. Newton teve a arrogância de segurar o universo, arrumar como quis e manter a modalidade ortodoxa. Aquilo pode ter sido útil, mas ele é todo fechadão, setorial. A física newtoniana sobrevive apenas aqui no baixo nível, não tem mais condição de pensamento sobre o universo no plural. Ainda estamos no Planeta dos Macacos, será difícil passar ao Planeta das IdioFormações.

- P – *A nova convergência de que você fala também não deve incluir a nova cibernética, a inteligência artificial?*

Para ser M-Teoria, a NovaMente precisa ter a completude das neurociências e, sim, também, dessas que você mencionou. Entretanto, para mim, é tudo igual. O que se descobrir nas neurociências encontrará perfeita compatibilidade com a teoria da informação e com as novas mentes artificiais. Será um campo só. Vai-se observar o funcionamento cerebral do mesmo modo como funcionará o computador quântico de então. Haverá um conhecimento abrangente que se aplica aqui e acolá. E desses lugares em que for

aplicado, vai-se retirar mais informação. A escola do homem do futuro, aquele do Quarto Império que ainda não chegou, terá praticamente uma única disciplina a ser aplicada em qualquer lugar. A Teoria da Mente é igual à teoria do computador, à da biologia, à do Inconsciente... Para lá chegar, é preciso multiplicar por mil o esforço que venho fazendo de reduzir tudo a um pequeno esquema relacional. Quando se derem conta deste esforço que está sendo feito na psicanálise, que também tem aparências em outros lugares, será tomado como um bom modelo. Suponho que, em termos de Quarto Império, estamos nos aproximando do modelo necessário para a confluência que estou mostrando na psicanálise, mas não é só nela, é geral.

20

Tenho uma segunda coisa para colocar como motivação. Os estudos sociológicos, antropológicos e psicanalíticos – na mão de Freud, por exemplo, com *Totem e Tabu* – viveram à cata da **origem da civilização**. Cada um fez uma ficção relativamente barata do que fosse a história daqueles homens primitivos em seu caminho para chegar à civilização. Onde Freud colocou a origem da civilização? Copiou da rivalidade animal: os filhos matam o pai para comer a mãe ou a filha dela... Uma história banal tirada de um Primário animal que teria evoluído para a morte do pai, para a totemização, para a invenção da

lei... E o que temos nós a dizer sobre isso? Que foi o surgimento do Revirão. Isto é, voltando ao que já coloquei há tempo, **o Princípio Antrópico entrado numa espécie como Revirão é a fundação da civilização**. Entretanto, o que tiveram para fazer foi: reviravam um pouquinho, eram capazes de falar e começaram a inventar historinhas sobre si mesmos. São pequenas artificialidades industriais, próteses, que foram produzindo a civilização.

A origem da civilização é, pois, a emergência de Revirão no seio do não revirante. Observem que os esquemas da NovaMente simplificam as coisas. Vistas por eles, as histórias da antropologia, da filosofia, da sociologia, e mesmo da psicanálise, são uma coisa simples: emergência de Revirão. O resto é igual a Jung: invenção de historinhas sobre os *efeitos* do Revirão, sem nunca se deparar com o Revirão. Na melhor hipótese, só os pensadores que desenvolveram um pouco a ideia de *dialética* estavam mais ou menos afetados pela ideia de Revirão. Eles passaram da ideia de Primário para a de um Secundário, mas não atinaram que é muito mais barato, que não é preciso ser presunçoso, pois é apenas que a maquininha de Revirão aparece ali e tem efeitos enormes. Quantos efeitos tem determinado esquema de funcionamento? Quanto a este ponto, acho genial a posição de Stephen Wolfram, que demonstrou computacionalmente que o simples, em sua repetição, gera o complexo. Temos, pois, que achar o quê? O simples. Observem também que, para inventar uma IdioFormação com outros materiais que não vida, carbono... Aliás, o sucesso da *vida* é inventar a sua espécie com outros materiais. Esta é a

nossa tarefa, de gente, que os cientistas tentam fazer por via quântica, por exemplo. Quando uma espécie viva, em qualquer lugar do universo, inventar, com outra composição, a IdioFormação como ela, aí terá havido evolução. E não precisa ser *vivo* no sentido que entendemos hoje, porque, depois que acontecer, será chamado de *outra vida*.

De que adiantaria, então, fazer o teste de Turing se a ordem da inteligência artificial, ainda sendo computacional, funciona como um elemento de Wolfram? Se começa a se repetir, fica tão complexa que minha burrice não entende que ela não é igual a mim. Isto é bem diferente de se inventar uma IdioFormação, que, não apenas não saberei se é máquina ou carne, como, mais que isto, ela me passará a perna, me enganará em diversos campos. A espécie humana é enganadora, mentirosa, vagabunda – como será a máquina.

• P – *O Revirão já não é tudo isso?*

O Revirão é inocente. Vejam que nós somos pecadores por inadimplência. Não acho que o pecado seja culpável. Tira a inocência, mas não põe culpa. Quem põe culpa é a tentativa de organizar o pecado. É a lei. Quem realmente inventa a culpa, a punição, a imputação? Algo cá embaixo, em nível de discussão social do que pode ou não. É o Estado, ou seja, a polícia.

21

Há uma terceira coisa que quero comentar hoje. Rosane Araujo foi a Paris lançar a edição francesa de seu livro *La Ville c'est Moi: l'urbanisme du XXIème siècle* (Paris: L'Harmattan, 2014) e lá reencontrou François Laruelle, que esteve aqui conosco em 2001 para participar do evento que organizamos sobre *O Futuro da Psicanálise*. O texto de sua fala, junto com os de outros participantes, foi publicado em livro do mesmo nome (Rio de Janeiro: Rios ambiciosos / Contracapa, 2002). Pois bem, ele convidou Rosane para jantar em sua casa e lhe deu seu último livro, *Christo-fiction: les ruines d'Athènes et de Jérusalem* (Paris: Fayard, 2014). A crucificação do Cristo é, para ele, o momento gnóstico da promessa de ressurreição e de uma outra ideia de homem, o Homem genérico. O que me interessou foi encontrar no livro vários conceitos da Nova Psicanálise com outros nomes. Ele não os tirou da Nova Psicanálise, não leu nossos textos, mas são próximos porque a inspiração é a mesma. Nosso conceito de IdioFormação, por exemplo, é chamado de Homem genérico.

A inspiração de Laruelle é gnóstica, exatamente como a minha. Por isso, aliás, que o li há anos atrás. Há vários livros seus sobre psicanálise. Ele, que é filósofo, inventou os conceitos de não-filosofia e de não-psicanálise para operar sua... “filosofia” (pois ele continua filósofo, ainda que entre aspas). Ele chama de não-filosofia e não-psicanálise uma posição herética diante desses pensamentos. Trata-se do herege da filosofia, daquele que afasta a razão teológica que a

sustenta desde Platão (a qual vai bater na Igreja e fundar a ortodoxia cristã em qualquer área, e não apenas na igreja católica). E também do herege da psicanálise, que afasta a razão ortodoxa em que a psicanálise virou. Ele, mais ou menos, livra Lacan disto (mas não é para livrar, pois, para mim, Lacan ainda é cristão). Lembro que li Laruelle depois de ter pensado a Nova Psicanálise – e o achei consonante. Ele faz pouca ideia do que penso, pois a minha é uma língua de pouca repercussão no mundo. Mas coloco a questão de Laruelle por ele supor que, abandonando o conteúdo religioso ou eclesiástico possível dos gnósticos, e tomando a Gnose como tomo – como pensamento anti-cristão –, é possível pensar o Cristo. Não estamos falando de Jesus que, este, é outra coisa, é aquele rapaz pseudo-histórico que alimenta certas igrejas. Então, o fenômeno com que mesmo a teologia opera é o Cristo, o qual, para o cristianismo, pode ter emergido na história do tal Jesus.

O que é o fenômeno Cristo? O fenômeno de restauração desta espécie segundo outro paradigma. Os gnósticos foram perseguidos, e mesmo assassinados pela igreja católica que deu o golpe cristão (o equivalente, na época, do golpe militar que aconteceu aqui no Brasil). Eles não eram cristãos, e sim *crísticos*, o que é bem diferente. O que se fundou no mundo como cristão, e que, depois, virou igreja apostólica romana, é um golpe de Estado dado por Constantino de maneira política ao instaurar o cristianismo ortodoxo como a religião do Imperador. Tudo que vemos no Vaticano, etc., é resto do Império Romano sobrevivendo como igreja. Os gnósticos eram contra isso.

Achavam que o golpe crístico era imanente, era de um conhecimento do Homem para seu projeto dentro do Haver.

- P – *Este é o sentido de salvação para eles.*

Podemos manter o sentido deles. A psicanálise é salvadora, soteriológica. É uma tentativa de o homem se salvar, mas como projeto mediante *conhecimento* – este é o ato crístico. A ideia de *Cristo* – que é uma palavra grega –, já no pensamento judeu, é messiânica. O Messias não é alguém que vem fundar o futuro, e sim *projetá-lo*: colocar o homem como projeto de invenção de seu futuro. Num projeto, Cristo veio e salvou o mundo, noutra, trata-se do messianismo da tentativa de salvação da humanidade. Não é que não vá morrer, que tem vida eterna, e sim que dará continuidade, procedimento, processo, invenção...

Vejamos agora por quê, embora sendo o mesmo pensamento gnóstico, não posso concordar com Laruelle. Ele não tem o conceito dos **Cinco Impérios** para entender que a salvação do momento crístico foi a invenção e a instalação do Terceiro Império, e que este Império acabou, o que temos são seus estertores, como ainda temos os do Segundo e do Primeiro. Estamos agora no movimento de novo processo de fundação e instalação do Quarto Império. Então, por não ter os Cinco Impérios, Laruelle faz algo que acho vicioso, toma o próprio Cristo, que aconteceu no Terceiro Império, para carrear para o Quarto Império. Assim, ao invés de dar um teco no acontecimento crístico e esperar por uma nova possibilidade de salvação, ele aposta no Cristo. E o que é pior, toma o mesmo fenômeno como fundador de

igualdade. É parecido com Lacan, que permanece cristão mesmo fazendo todo o movimento de abstrair: chama o significante em lugar do significado; substitui pai, filho e espírito santo por real, simbólico e imaginário; mas não chega a uma Teoria das Formações, não chega a uma solução que possa dizer: Primário, Secundário em emergência de Originário.

Discordo de Laruelle por ele estar um passo atrás da NovaMente, o que é ruim, pois, como é inteligente, nos ajudaria muito se desse um passo à frente. Ao dizer que o que aconteceu com a história é que, em vez de serem crísticos, foram cristãos, está querendo considerar o passo crístico como o passo *atual* de salvação. Ou seja, ele quer voltar à posição dos gnósticos para retomar o Cristo sem cristianismo – o que chama de ciência em Cristo. Ele não põe uma invenção de passo, não diz que o crístico *acabou* em Cristo e que a posição dos gnósticos era melhor. Aliás, nem é preciso dos gnósticos, pois já estava em Empédocles. Vejam que é não-filosofia e não-psicanálise no sentido de ser herético, mas querendo, no Quarto Império, salvar o ato crístico, que é de Terceiro, como se tivesse sido sufocado. Não lhe ocorreu a ideia de que, historicamente, o Terceiro Império acabou. Para ele, a igualdade, por exemplo, é no sentido de sua ideia de Homem Comum, o qual seria alcançado pela salvação crística, pois foi justamente isto que o Cristo teria trazido. “São todos irmãos”, diz ele – mas isto é o Terceiro Império, o do filho, dos irmãos... É, pois, uma salvação política com leve odor marxista, que não quero para mim. Isso gera guerra, conflito. É como se ele

substituísse a revolução marxista pela renovação crística. Não sou apenas contra o cristianismo, e sim também contra a permanência do messianismo velho. O messianismo tem que nascer outro. Não tem saída, é messiânico, mas como *projeto*.

• P – *É utópico também?*

Não! O cristianismo é que é utópico, tem o desenho de um lugar que não existe (*ou* [‘não’]-*topos*). O conceito de utopia é o de inventar um lugar certo, adequado, aonde quero ir. Ela não está *em projeto*, já está pronta. Ao contrário, se é projeto, não sei para aonde vou. O messianismo é projetivo, é um movimento de salvação: continuar na imanência, lutando com ela, *conhecendo* o Haver e andando para a frente. Trata-se de achar uma saída, e não uma chegada. Quem sabe aonde chegar, já se ferrou só por saber isso. Querer ir para um lugar que já sei é diferente de só querer sair deste aqui, de querer me salvar desta situação. Vai-se conseguir? Se conseguir, como será? Não sei. Jamais tratei o Quarto Império como utopia. Não estou desenhando um lugar para onde estamos indo, e sim um lugar que está surgindo. Sei lá onde é ou se será conseguido. Não acredito no sentido de “uma utopia”. Como os deuses se constituem para configurar o Gnoma, que não é configurável, as utopias se constituem para ficarem no lugar do não-Haver. O não-Haver é o lugar das utopias, mas inventar deuses é diferente de deixar o lugar do Gnoma em aberto e constatar que é mesmo um horror. A humanidade sempre desenha um Deus para o lugar do Gnoma, e desenha uma utopia para o lugar do não-Haver.

• P – *Ao falar em Diferocracia, você não está falando de governo da diferença?*

Trata-se do poder da Diferença, de a referência do Estado ser a Diferença. Não se trata de sermos “iguais perante a lei”.

• P – *Seríamos todos idênticos então?*

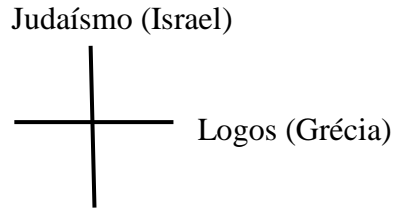
O *Idêntico* está em todos, mas, cá embaixo, vivemos na diferença: é um **Vínculo Absoluto**. Se me dou conta desta vinculação, meu respeito pela diferença tem referência. O Idêntico é a referência que tenho para respeitar sua diferença. Coloquei uma referência teórica chamada Vínculo Absoluto na suposição de que, se pensarmos assim e o tomarmos como referência, teremos referência bastante para respeitar a diferença com muito mais segurança do que um filósofo da diferença, por exemplo, que consegue pensar apenas a diferença. A filosofia da diferença (Deleuze, etc.) leva em consideração só a diferença. O que digo é que, se temos essa possibilidade referenciada de respeito à diferença, ou seja, se pensamos que, em última instância, há um Vínculo Absoluto entre nós, temos mais referencial para tratar a diferença como diferença e com respeito. Vejam, pois, que estou fazendo o entendimento da **Identidade** entre todas as IdioFormações. Isto faz com que não posso chamar de defeito moral alguém que seja tarado ou doido, por exemplo. Há que ser tratado com todo respeito, mesmo que os atos dessas pessoas prejudiquem terceiros. Trata-se, sim, de fazer contenções respeitadas. O que vemos mais é o pessoal agir moralmente diante desses casos, ficarem xingando. A filosofia da diferença, portanto, não tem um *Princípio de Identidade*, só reconhece

a diferença. Mas quando todos os diferentes são idênticos entre si no que diz respeito ao Vínculo Absoluto, toma-se esta referência para tratar a diferença com respeito. Alguém que é delinquente sofre e goza no mesmo lugar e do mesmo modo que eu. Tenho que ter algum respeito por você porque somos o mesmo. Como vou saber se você não é eu?

Como sabem, separo a igualdade da Identidade. Para mim, não somos iguais, o que vale é a Diferença, mas, no ponto que chamo de Cais Absoluto, todos somos idênticos: todos são o Mesmo. Cada vez que um da espécie se repete, repete-se o Mesmo – e a configuração onde esse Mesmo se dá é a Diferença. O Idêntico é, pois, o Cais Absoluto: todos gozam e sofrem no mesmo lugar. Por isso, posso fazer uma política da Diferocracia em absoluto respeito à minha Identidade, que é a sua. Isto, com todas as diferenças do complexo de uma IdioFormação a zelar. Há muita coisa semelhante, mas semelhança não é igualdade. Até encontram-se algumas igualdades, a tal da alma gêmea, por exemplo. No regime do Idêntico, a frase não é “amai-vos uns aos outros”, e sim: **Eu sou Você**. Quero o evento de transformação radical que um novo Império produz, que não é de Jesus nem do Cristo. Tomo a inspiração gnóstica por ela ser mais próxima do mundo da ciência nova que emergiu dentro do cristianismo, mas apenas como crístico, como gnóstico mesmo, que é o caso de Galileu, e não de Newton.

É preciso a instalação de outro Império. Já lhes disse que, se não assassinassem Julio Cesar, talvez o Terceiro Império não tivesse uma

cara cristã. A cara cristã é romana, e não crística no sentido da salvação que vem desde os judeus. Laruelle trata deleuzeanamente a *cruz* como máquina de produção do Cristo:



Isso foi cooptado pelo cristianismo, desde sua fundação romana, como ortodoxia, mas não é uma compleição já terminada, já forjada, e sim uma máquina de produção. Ele pensa vetorialmente e, como Lacan, a partir dos números complexos, toma o conceito de número imaginário $\sqrt{-1}$, que é impossível. Mas quando o matemático escreve está considerando um número que tem produção matemática, com aplicação até na engenharia civil. É nesse âmbito que pode funcionar a física quântica. Ele fala em álgebra vetorial, de que também já falei. Mas nós outros, acho eu, não devemos partir para esse tipo de operação. Quando Lacan descobriu a possibilidade de representação do (seu) Inconsciente com a topologia algébrica, sobretudo com a topologia combinatória (aquela dos nós, das figuras...), o pessoal ao seu redor passou a estudar topologia. Não sei para quê, pois não vão conseguir representá-lo assim. É melhor deixar isto para os matemáticos. Não é o caso de começarmos a estudar álgebra vetorial, pois gasta-se uma vida para ser especialista. Os matemáticos que nos leiam e façam seus cálculos

Se tirarmos religião, império romano, etc., veremos que o Logos instalado, já invadido em Roma pela própria língua grega, é

atravessado pelo judaísmo enquanto messianismo e vai dar chance a um evento chamado emergência de Terceiro Império. É justo essa junção entre messianismo judaico e Logos grego como Cristo que Laruelle quer aproveitar como se fosse a salvação hoje enquanto *retorno* ao pensamento gnóstico. A mim não interessa o pensamento gnóstico, não ficarei lendo aquilo, que é um monte de bobagens. Interessa-me, sim, a *postura* gnóstica, herética. Laruelle está interessado em algum artefato que possa lhe dar salvação política já que o marxismo se ferrou. Por isso, seu princípio de igualdade. Por não ter outro aparelho, é como se Cristo tivesse sido mal entendido, virado cristianismo e, se retornarmos à postura gnóstica, tomaremos esse Cristo e, com ele, fundaremos o novo mundo salvacional em cima da igualdade. Para ele, o ato crístico é o ato de fundação da igualdade dos homens. Mas isto é Terceiro Império. Quanto a mim, não sou igual a ninguém, sou absolutamente diferente. Se você tiver uma diferença, já diferiu. É preciso aprender a lidar politicamente com a diferença, não apenas reconhecendo que todos são diferentes, e sim reconhecendo que, em algum lugar, somos o Mesmo.

• P – *A concepção dos Cinco Impérios implica uma ideia de história que não é hegeliana, não diz que a superação conserta.*

Em nosso aparelho, isto se chama HiperDeterminação, é um *salto*: Tese x Anti-Tese / Ek-Tese = Pró-Tese. O Quarto Império só se constituirá desta maneira. Ele pode não se constituir, virar barbárie... Não sabemos qual será o evento. Faço a suposição de que o Quarto

Império é mais do que simples evento imperial, é uma nova *era axial*. É algo espalhado por todo o mundo.

- P – *Freud fala em sobreinvestimento: “...a existência da censura entre Preconsciente e Consciente nos lembra que o tornar-se consciente não é um simples ato de percepção, mas, provavelmente, um sobreinvestimento também, um avanço a mais na organização psíquica porque aí supera a resistência do latente, que é o Pcs. ...”*

Dá um salto e cai no aleatório. Parece-me que há aí a intuição de que há algo que salta fora. Temos também aí uma questão difícil que tem tido as soluções mais idiotas: há livre arbítrio? Não acredito em livre arbítrio, embora acredite em HiperDeterminação. Livre do quê? O macaco aí está, já enfiou quinhentas informações no cérebro e só age em função disso. Portanto, só mesmo acontecendo algum efeito de HiperDeterminação que desloca tudo e o aleatório surge. Freud não acreditava em livre arbítrio por ser determinista.

- P – *Ele era positivista?*

O positivismo de Freud era meio furado. Para ele, é a positivação do movimento inconsciente. Trata-se de tomar isso como positividade, pois não tem negatividade, não há *não* no Inconsciente. O *não* é esbarro macroscópico. O que me impede de passar para a outra sala não é meu Inconsciente, e sim a parede.